

Economistas culpam dívida externa

Em face da confusão de argumentos das autoridades econômicas expostos nos últimos dias, na medida em que aumentou a inquietação produzida pela disparada da inflação e da especulação financeira, ganham espaço outros argumentos contrários para explicar a crise econômica.

A causa da inflação não pode ser debitada somente ao des controle do déficit público, mas principalmente, à dívida externa, cujo pagamento impõe custo excessivo internamente, argumentam os economistas Petrônio Portella Filho e Lauro Campos. "O endividamento externo, que manteve taxas de juros flutuantes, ao longo da década de 70 e que foi contraído de forma irresponsável pelos governos militares. Foi superior à capacidade de pagamento do País", destaca Lauro Campos. A partir do momento em que foram suspensos os empréstimos externos, em 1982, com a crise do México, tornou-se impossível a continuidade do pagamento dos juros, antes pagos com a rolagem anual da dívida. Como o País não tinha poupança interna suficiente, tornou-se indispensável renegociar com os credores internacionais, explicou ele.

FMI

A renegociação da dívida, entretanto, destacam Lauro Campos e Petrônio Portella, "não foi realizada de forma soberana,

mas de forma humilhante". Tanto o governo Figueiredo como o governo Sarney, dizem os dois economistas, "sucumbiram-se às exigências dos credores e se submeteram às terapias ortodoxas ditadas pelo Fundo Monetário Internacional". Mundialmente conhecidas, tais terapias baseiam-se na contração do mercado interno, através do arrocho salarial e na geração de crescentes superávits comerciais, para garantir o pagamento do mercado interno quanto o aumento dos saldos comerciais via contenção drástica das importações, explica Lauro Campos, pressionam a inflação. Diante da queda das vendas no mercado interno, os empresários sofisticam os produtos e aumentam os seus preços para manter a taxa de lucro; e o superávit comercial crescente, em dólares, são convertidos em cruzados, alargando a base monetária. Para evitar a estagnação causada pelo excesso de dinheiro, diz o professor, o Governo é obrigado a "enxugar" esse dinheiro, elevando a taxa de juros. "Esse processo beneficia apenas os banqueiros, tanto internacionais como nacionais, os que ganham com a terapia imposta pelo FMI, enquanto o País afoga na inflação crescente, explica.

A estrutura produtiva tornou-se, intrinsecamente, inflacionária, na opinião de Lauro Campos. Somente alterando-a, diz, será possível vencer a inflação.

Para Petrônio Portella Filho, a renegociação da dívida feita por Mailson da Nóbrega agravou, em vez de diminuir, a crise da economia, "porque ele valorizou-a, quando, no mercado secundário, ela estava se desvalorizando aceleradamente depois da moratória de 1976. "O processo abria espaço para o País mudar a sua estrutura produtiva e ocupacional, através da desconcentração da renda e fortalecimento do mercado interno, diz. "Além de valorizar a dívida, Mailson da Nóbrega obteve uma quantia insuficiente de recursos para fechar o balanço de pagamentos, fato que obrigará o governo a gerar grandes superávits comerciais para pagar os juros, gerando, conseqüentemente, mais inflação e empobrecimento do mercado interno", afirmou.

Alarmado com a situação brasileira está, também, o embaixador dos Estados Unidos, no Brasil, em 1964, Lincoln Gordon. Na última quarta-feira, ele se reuniu com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e disse estar muito pessimista. Considerou a situação brasileira delicada e previu, o pior: a convulsão social. A possibilidade de o Brasil saltar para a casa dos países desenvolvidos está ficando mais difícil, disse, enquanto aumentam as chances da desarticulação política se alastrar. Lembrou que os países desenvolvidos, neste momento, estão preocupados com a crise brasileira.